

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA
COM. DE CENSURA

Editorial

Rumores...

A opinião pública traduz, na maioria das vezes, o pensamento mais sensato e mais consentâneo com aquilo que de sobremodo lhe interesse e preocupe, quer exalçando os actos considerados como um benefício, quer espèculando todos os outros que a diminuem, ou amargurem.

A sua opinião vale pelo que pesa, e, quando se reconheça haver um certo desequilíbrio na balança da chamada Justiça, a sua voz é ainda a voz omnipotente de Deus, fundamentada e alicerçada naquele aneio infinito e ilimitado que aspira a ver a progressividade tomar um rumo certo, redimidos os erros que são afinal os pecados do homem.

Ouvem-se rumores... E a cada fala que se articule, a dissonância rebõa em sons agudos, gritantes, de tal modo desarmónicos, que hemos de crer que as bocas se abrem em clamor de protestos — uma vez verificada a passividade duma terra que tem direito a melhores dias, moral e materialmente.

Pelas esquinas e centros de cavaco, apurado o ouvido, os rumores não param, cochichando sobre a falta de bairrismo e competência, onde tudo se mostra marasmado e indeciso, visto em mãos alheias se encontrar os créditos que só a nós, vimaraneses, pertencem.

Ad hoc, os nomes são mencionados com arreganho, cuspidando-se-lhes toda a crítica de que são alvos, assim relegados à condição de coisa despresível, enfatuada e pindérica.

Não há desculpas. Tôda a gente é unânime em dizer-se enfadada e enojada, de tal uso se requestam a inépcia, o dislate e a petulância.

Rumoreja-se... E ao ver Guimarães tão abandonada e só, há já quem, parafraseando o saído do Conde do Arco, pede e supplica:

— *Envolvam o burgo de novas muralhas! Fechem-lhes as portas e façam com que as chaves desapareçam, desde que se presente o Progresso não nos bafejar em sorte!*

E os rumores tomam assomo de gritaria como se pretendessem, por si só, entrar a Terra do seu giro perfeito...

Eles e Nós

Num dos jornais diários do país lêmos a seguinte notícia, que com a devida vénia transcrevemos:

As festas da cidade em Braga

BRAGA, 2. — C. — A comissão executiva das festas da cidade apresentou cumprimentos ao Século e

pediu a sua valiosa propaganda no sentido de atrair a Braga forasteiros de todo o País.

A mesma comissão cumprimentou, também, as autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Ocorre-nos, por isso, perguntar, mais uma vez, à C. A. da Câmara o que há quanto às nossas Festas Gualterianas — as Festas da Cidade — para as quais já foi criada uma receita.

A maior parte das terras do país andam já a trabalhar, com entusiasmo e com amor para que as suas festas anuais sejam aquilo que têm sido.

Desde as mais importantes cidades às mais pequeninas mas progressivas vilas, o amor-bairrista aumenta de dia para dia não querendo os seus filhos que um ano passe sem que as suas festas venham demonstrar ao país a sua vitalidade.

Nós, porém, continuamos no regime da indiferença e do «não te rales» vendo o que os outros fazem, sem um gesto, sem uma explicação...

É tempo e tempo é dinheiro...

Vamos a isso porque o bom nome da Terra reclama que as Festas da Cidade se façam, no próximo ano, com brilho, com esplendor, com entusiasmo.

Casa dos Pobres

O nosso prezado colega de Braga «Correio do Minho» transcreveu, num dos seus últimos números, a notícia publicada no número passado do nosso jornal, acerca da visita oficial da C. A. da Câmara à «Casa dos Pobres». Os nossos agradecimentos.

Estrada do Pevidém

Um nosso prezado amigo e importante industrial do Pevidém, veio-nos lembrar o péssimo estado de conservação em que se encontra a estrada que, partindo do lugar do Carreira, vai ligar com aquele importante centro de Trabalho, sem dúvida alguma um dos mais importantes se não o mais importante do distrito.

A lembrança foi boa pois é já muito tarde que nós nos referimos a tal assunto.

Não faz sentido, de facto, que aquela estrada se encontre tal como se encontra, em risco de ficar verdadeiramente intransitável com o inverno.

Chamamos para o caso a atenção da C. A. da Câmara.

Pocinha... histórica

Por muito se falar no arranjo dos passeios públicos, alguém nos chama a atenção para aquela pocinha... histórica, em frente das vistosas montras da Casa das Gravatas, que, mesmo em dias de sol, obriga o cidadão pacífico a encharcar os pés, por mais cuidado que pretenda ter ou julgue possuir.

Mas... e sempre o terrível «mas» a empecer! — não pretenderão os arqueólogos-suzeranos que se apregõe aos quatro ventos que ali souu mais forte uma patada do ginete montado por Peres de Trava, quando pôsto em fuga pela audácia e arrôjo do infante D. Afonso, depois rei de Portugal?!

Imaginar-se-á, porventura, que as meias solas não custam dinheiro e que o transeunte será obrigado a vêr desbeicadas as biqueiras com tanto re-

PÔR-DO-SOL

Ào pôr-do-sol,
Um rouxinol
Solta no espaço uma canção dolente...
Cãem as fôlhas em redor — Outono.
E enquanto o rouxinol,
Ào pôr-do-sol,
Solta no espaço o seu cantar dolente,
Minha alma sonha o místico abandôno
Dum bem ausente...

Ah, como é triste ouvir um rouxinol,
Ào pôr-do-sol,
Cantar melancolicamente...

O' rouxinol! O' rouxinol!
Não tortures minha alma cruelmente!...

JERÓNIMO D'ALMEIDA.

Do livro a entrar no prélo
«ROMPENDO AS NUVENS».

lêvo distribuído pelos passeios? Se em vez de cenografia nas fachadas dos prédios e de mausoléus a erigir se pensasse a sério nas comodidades e viver ciadinos, quão desnecessário se tornariam êstes reparos!

...Como dantes...

Convocada mais uma vez a Comissão de Estética para se pronunciar sobre o Monumento aos Mortos da Grande Guerra, somos informados que foram baldados os seus passos, porquanto nenhuma coisa foi resolvida.

A curiosidade, porém, obriga-nos a indagar: ¿mas existe ou não existe uma Comissão de Estética?

— Uns dizem que não; outros dizem que sim.

Política de... fachada

Acêrca dos caminhos vicinaes, zãs, ouve-se os queixumes dos povos que não veem os seus concluídos, enquanto outros alimentam a esperança de vêr tracejados (em papel, bem entendido), novos caminhos, para que satisfação seja dada ao sr. Fulaninho e ao sr. Beltraninho.

Mas, ocorre-nos perguntar se a Repartição de Obras da Câmara tem por missão, única e exclusiva, de fazer traçados de caminhos que nunca mais se nos deparam construídos?

Tenente-coronel do S. E. M. José F. de Barros Rodrigues

Mais um nome ilustre, entre os mais ilustres, antigo combatente, membro da Câmara Corporativa, professor da Escola Militar e da Escola Central de Oficinas, engrinalda hoje as páginas deste jornal advogando, com a sua incontestável autoridade, a causa do monumento aos Heróis da Grande Guerra.

O N. de G., altamente penhorado pela colaboração de hóspede tão ilustre, apresenta a Sua Excelência os protestos do mais profundo reconhecimento e alta admiração.

Que Manuel de Guimarães, colaborador dos mais ilustres e assíduos e o maior entusiasta do monumento seja, junto de Sua Excelência, o intérprete fiel dos nossos mais sinceros e mais rendidos agradecimentos pela gentileza dispensada, que honra, sobremaneira, o nosso modesto jornal.

Lêde e assinal a «Notícias de Guimarães»

GAZETILHA

A nossa estudantada
Ainda ama a tradição
Nesta terra maldadada;
E com alma e coração,
Fêz a semana passada
Novênas à Conceição.

Em vinte e nove, o Pinheiro:
O Castelo dos Almadas
Tinha um chiste verdadeiro;
As gentes embasbacadas,
Riam com ar zombeteiro
Ao ouvir... *almas penadas*.

E um velho estudante,
Sempre môço como um gaio,
Da tradição grande amante,
— O Jerónimo Sampaio —
Botou frase estonteante...
E' estudante dum raio!

Com saúidade me lembro
Duma receita de gala
No primeiro de Dezembro...
O teatro está sem fala!...
Do Leonardo relembro
Um discurso numa sala...

A *maquette* foi exposta
Na Associação Sarmento;
E como o Claro gosta,
A *maquette*-monumento
Parece que vai ser posta
Na Corredoura... *«Ao portento»*.

Aquela *maquette* estranha
Digna dum povo ingrato,
Faz lembrar a tal montanha
Que convulsa... (é um facto)
Com muito tempo e manha,
Deu à luz pequeno rato.

As posses e o magusto,
Roubalheiras... até eu
Já estou com certo susto
Que nos roubem o Liceu,
Sustentado a nosso custo,
E Zé Maria nos deu.

O pregão foi recitado
Com bastante maestria;
O pômo também foi dado;
E se danças não havia
Foi por 'star tudo engasgado...
Mas imperou a alegria.

Se quereis festas como havia,
Meu rico S. Nicolau,
Dai-nos já, não sejais máu,
O Liceu como existia;
Pois se não a Academia
Põe bandeira a meio pau...

CLAROS.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço,
fica-nos de fora muito original,
parte do qual foi recebido já
nos primeiros dias da semana
finda e se achava composto.

Que todos nos desculpem.

FERNANDO AIRES
ADVOGADO
R. República - GUIMARÃES

PRÓ-MONUMENTO AOS HERÓIS da GRANDE GUERRA

Glorificar os homens ilustres, vivos ou mortos, é um dever cívico de tôdas as sociedades organizadas; recordar aqueles que sacrificaram a sua própria vida pela colectividade é, sobretudo, um dever de gratidão.

Ligado por estreitos laços de família ao rincão minhoto, é com grande agrado que venho enfileirar ao lado daqueles que em Guimarães pretendem levantar um monumento aos combatentes que, na Grande Guerra, verteram heróicamente o seu sangue pela honra e dignidade da nossa Pátria, gravemente ofendidas.

O culto dos mortos remonta à mais alta Antiguidade e é êsse culto o mais forte esteio da tradição dos povos. «Os mortos mandam», disse Gustavo Le-Bon, e é por meio da sua vontade que se mantém a continuidade histórica — a permanência dos fins a atingir pelas sociedades — as suas aspirações.

Êsse culto, porém, deve ser orientado num sentido forte e heróico e não de transformar em côro de lamentações pelas vítimas que caíem na conquista dos ideais — o levantamento dum monumento desta natureza não deve ser considerado, porém, um acto de piedade, mas sim de glorificação aos heróis, àqueles que, acima dos seus interesses particulares, do seu bem estar, e das suas comodidades, põem a realização dos seus ideais, a felicidade e o bem estar dos seus concidadãos; deve ser a glorificação de valor guerreiro e das virtudes cívicas da raça, que êles, os que morreram heróicamente, dando a vida em holocausto no altar da Pátria, tanto sublimaram; deve ser um estímulo para os contemporâneos e vindouros a lembrar-lhes permanentemente os seus deveres mais sagrados — um exemplo a admirar, a seguir e a imitar e nunca a temer ou a lamentar.

Por isso, eu preferiria, não monumentos aos mortos da Grande Guerra, mas aos heróis da Grande Guerra, mortos e vivos, porque todos êles são merecedores da mesma gratidão, porque todos êles contribuíram para a glória conquistada para a sua Pátria.

Guimarães, terra de gloriosas tradições, a primeira capital de Portugal tem ainda em aberto para com os seus heróis uma dívida sagrada que certamente vai saldar da maneira mais honrosa e brilhante.

Uma memória glorificando o valor da raça faz falta numa cidade que levanta numa das suas praças principais a figura gigantesca e hercúlea do fundador, daquele a cujo cérebro e esforçado braço devemos a nossa nacionalidade — a nossa independência. Porque se é verdade que, sem êsse cérebro e êsse braço, a nacionalidade não teria sido possível, também é verdade que, sem as virtudes colectivas da raça, que êle tão brilhantemente substanciou, o não teria sido também.

Portugal deve-se ao cérebro e ao valor dos portugueses.

E é bom que se saiba e que se diga, embora pondo de parte falsas modéstias, que os portugueses que se bateram nas trincheiras húmidas da Flan-

dres e nos sertões calcinados do continente negro não envergaram os seus antepassados — cumpriram o seu dever.

Foi de Guimarães, capital da incipiente monarquia, que partiu o primeiro esforço nacionalista dos portugueses; é forçoso que em Guimarães se levante uma memória que glorifique o valor colectivo daqueles a cuja acção se deve a Nacionalidade.

Mas faço votos para que se não levante, como se tem feito na maior parte das localidades, um mausoléu, que recorde humildemente os que morreram, mas um monumento àqueles que souberam viver e também morrer heróicamente.

E há-de ser assim para honra de Guimarães.

Lisboa, 30 de Novembro de 1935.

José F. de Barros Rodrigues
Ten.-Coronel do S. E. M.

De Guimarães e dos Homens

O monumento aos Mortos da Guerra

Após uma longa campanha, parece que sempre vamos ter o monumento aos Mortos de Infanteria n.º 20 na Grande Guerra.

Tardia gratidão e que levou 17 anos a incubir. Tirada a *forceps*, perdeu grande parte do seu valor.

Seja como for, parece que sempre vamos ter o monumento aos mortos de Infanteria n.º 20 na Grande Guerra.

Mas, ou se faz monumento digno do sacrificio daqueles que deram a vida pela Pátria, ou então é melhor não fazer nada.

Castiçais e fontanários já têm os muitos.

Jazigos, no Cemitério da Atouguia. Esteve a *maquette* do monumento exposta na Sociedade Martins Sarmiento.

Não a opinio.
Mas é opinião dominante que a *maquette* não correspondeu a espectraliva.

Não nos move contra o seu autor qualquer má vontade, dizendo que o público não gostou.

E não venham dizer-nos que a massa não tem sensibilidade artística. E' argumento falso.

¿E que incentivo poderia encontrar o autor para produzir melhor, se não houve concurso?

Sem concorrentes, não procurou ser o melhor.

Fêz nma *maquette*.
Não o culpamos. Quem de aqui acusamos, são aqueles que julgam que Guimarães é roupa de franceses.

E' norma seguida quando se pretender erguer um monumento àqueles que bem mereceram da Pátria, abrir concurso.

Porque não se fêz? Seria mais sensato e mais moral.

A vontade de um ou de uns, nestes casos, não devem sobrepôr-se ao interesse artístico.

As manifestações de Arte — falando assim, expomos uma opinião já assente e não pretendemos entrar na Academia de Arqueólogos Vimaraneses — terão necessariamente de ser acanhadas, não havendo emulação.

Esta coisa de fazer monumentos em série e de uma cidade ter de suportar uma série de monumentos do mesmo autor, não está bem.

Resultará uma monotonia de monumentos.

¿Dizem-nos que a *maquette* foi aprovada em principio?

¿Aprovada, por quem?

Então tem a cidade de gramar um monumentozinho que um senhor X ou um senhor Y declaram estar aprovado em principio?

¿Qual a autoridade do senhor X ou do senhor Y para aprovar ou desaprovar?

Não existe uma Comissão de Estética?

E, se existe, não serve para nada?

Francamente, os Vimaraneses estão a ser tratados como cafres.

Quem nos livrará dos negreiros que nesta roça, Guimarães, exercem a escravatura?

Mais um monumento!

O nosso amigo e director da revista «Gil Vicente» Manuel Alves de Oliveira, lança novo apêlo para a construção dum monumento a Gil Vicente, grande figura nacional.
Achamos bem, se... não nos moc-

rem a paciência durante vinte anos, pelo menos, a pedir a mesma coisa. E se, o monumento a erigir puder enfileirar ao lado do de D. Afonso Henriques, de Soares dos Reis.

Registamos

Subscreveu a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães a quantia de cinco mil escudos para a compra do palácio da Independência.

Registamos a generosidade.

Pontos de vista

Como e quando se poderá tornar definitivamente obrigatório o Ensino Primário.

Da legislação que existe actualmente em Portugal, sobre a obrigatoriedade do Ensino Primário, apenas se aproveita a boa intenção do seu autor, pois não é fácil — e até supomos ser impossível — executar determinados preceitos nela contidos, sobretudo por dois motivos que passamos a apontar:

a) — Não há possibilidade de tornar definitivamente obrigatório o Ensino Primário, enquanto não forem criadas as escolas suficientes para comportarem todas as crianças em idade escolar.

b) — Essa obrigatoriedade não se pode exigir sem que, previamente, se promova em larga escala a assistência escolar, de modo a ser facilitada às classes pobres, tanto quanto possível, a admissão dos seus filhos nas respectivas escolas.

A falta de recursos, que em muitos casos corresponde à miséria, é um dos factores que mais contribue para que aquelas classes não mandem os seus filhos para a escola. Isto verifica-se em toda a parte, quer nas cidades, quer nas aldeias, mas nestas muito mais acentuadamente, porque, salvo raríssimas excepções, junto da escola não há uma cantina ou qualquer outra instituição de beneficência escolar. Portanto, o que há a fazer, em primeiro lugar, é criar a difusão do Ensino e a devida assistência escolar, desaparecendo, assim, os motivos principais que presentemente se opõem ao cumprimento da lei que regula a obrigatoriedade desse Ensino. Tem-se constatado, designadamente nos últimos anos — e a imprensa a isso se tem referido — que não há escolas que comportem toda a população escolar, havendo terras onde deixam de ser matriculadas muitas crianças, não porque não queiram frequentar a escola, mas porque não podem ser admitidas por excesso de frequência.

E tanto assim é, que sua ex.^a o Presidente do Ministério declarou, há tempos, que havia necessidade de criar escolas — bastantes milhares delas — um dos caminhos a seguir para a resolução do problema do analfabetismo em Portugal. De facto, sem escolas não se pode iniciar a verdadeira luta contra a ainda elevada percentagem de analfabetos. Vê-se, pois, que a obrigatoriedade do Ensino Primário só pode ser rigorosamente imposta quando tudo esteja preparado para isso, conforme o que fica demonstrado. Para já, apenas há que aproveitar a boa vontade e o grande esforço dos Professores Primários, especialmente daqueles que se dedicam de alma e coração à causa do Ensino, como são todos os que não se agarram ao limite obrigatório da frequência, sujeitando-se, embora com muito sacrifício, a ministrar o Ensino a um número de almas sensivelmente superior ao que lhe é determinado por lei. Há professores com mais de 60 alunos e talvez mais de 70, uma das provas de que já não há, ao contrário do que sucedia em outros tempos, uma criminosa indiferença pela escola, por parte dos pais ou tutores das crianças. Hoje, pode dizer-se que essa indiferença não existe, pelo menos na grande maioria. O que existe, conforme dissemos, é falta de escolas e a falta de assistência escolar. E depois de resolvidos estes dois problemas, então haverá razão para proceder contra os rebeldes, que devem ser em número muito reduzido. No momento presente, afigura-se-nos inoportuna a ocasião para pedirmos o severo cumprimento da lei, a não ser para aqueles que por negligência ou desprezo pela instrução não mandam para a escola as crianças cuja educação lhes esteja confiada.

Igualmente não somos de parecer que os professores tenham interferência na aplicação de multas, visto estar provado que este facto lhes cria uma situação um tanto melindrosa, chegando mesmo a ser vexatória, pois não falta quem lhes atribua certo interesse na importância da multa, quando é certo que não é assim. Neste ponto, a doutrina do decreto n.º 9.223 devia ser alterada, limitando, apenas, a responsabilidade do professor a informar-se dos motivos das faltas dos alunos e a colher a devida justificação, com a qual poderia deixar de se conformar, comunicando, neste caso, o facto ao respectivo Inspector Escolar, que, então, tomaria providências por intermédio do Delegado ou mesmo de uma autoridade da freguesia. Quanto a justificação de faltas, uma simples declaração escrita do pai ou tutor da criança é o suficiente, podendo o professor averiguar da sua veracidade, quando da dúvida. De resto, a multa não é o meio mais eficaz de tornar o Ensino obrigatório, tantos são, infelizmente, aqueles que de forma alguma podem ser obrigados a pagá-la. Outras pe-

nalidades, como algumas que já existem, são de resultados mais práticos. Desde que os analfabetos não possam ausentar-se de Portugal e sejam obrigados ao serviço militar, no qual permanecerão enquanto lá não aprenderem a ler, escrever e contar correctamente, não será preciso mais nada para os obrigar à frequência da escola. Mas, independentemente destas, outras penalidades lhe podem ser impostas, como por exemplo:

Os analfabetos não poderão realizar contratos sejam de que natureza forem, mesmo quando atinjam a maioria, assim como não poderão ser utilizados em quaisquer serviços nos quais o Estado tenha superintendência. Enfim, não faltam processos de resultados imediatos para fazer cumprir a obrigatoriedade do Ensino, mas só desde que essa obrigatoriedade não possa ser desvirtuada, isto é, desde que o problema-base esteja resolvido. Este problema, como já está dito, consiste em dotar o país de tantas escolas quantas as necessárias para a admissão de todas as crianças que se encontram dentro da idade escolar, com o complemento da beneficência. É isto o que nos parece mais lógico e mais razoável, em virtude do estado deficitário em que se encontra a Instrução popular em Portugal. Como simples amostra, vejamos o que se passa em Guimarães, dito pelo sr. A. L. de Carvalho, digno vereador da Instrução, numa entrevista que concedeu ao sr. representante do «Correio do Minho». Eis algumas afirmações de sua ex.ª:

«Em 1932 andavam desviadas da escola mais de 50% das crianças em idade escolar.

Quanto a edifícios escolares, apenas 19 havia.

Após aquela data alguns edifícios se construíram, mas em tão diminuto número que a mancha negra do analfabetismo ainda pesa como ferrete ignominioso.

Estão as palavras do sr. vereador da Instrução de acordo com o que acabamos de expor, embora muito ligeiramente. Não tem, pois, razão quem, sem atender a estes pormenores, faz cavalo de batalha pela execução da lei sobre a obrigatoriedade do Ensino. Obrigamos, sim, mas só dentro das actuais possibilidades.

A. S.

O Pão dos Pobres de Santo António

Na caixa do pão dos pobres de Santo António foi encontrada a seguinte petição: meu querido Santo, meu milagroso Santo: o mais humilde, o mais penitente, o mais convicto dos Vossos admiradores, aquele, cuja terra se orgulha de Vos possuir numa das Vossas efígies mais simpáticas, e de Vos consagrar, renovada, uma velha rua de Mata Diabos, hoje Vos vem dirigir esta súplica, de joelhos, mãos erguidas e batendo no peito — o Teatro foi sempre a comédia da vida, amaldiçoado por Satanaz. Duas maldições. Talvez — quem sabe? — o Satanaz da vida seja peor que o Satanaz do Inferno.

Porque não há Teatro em Guimarães? Por Guimarães ser o Teatro de todos nós? Por nós todos sermos o Teatro de Guimarães? Mas... tudo isto é uma comédia. Guimarães tinha um teatro se a consciência do Município quizesse satisfazer ao desejo imperativo dos municípios; Guimarães teria Teatro se a Câmara Municipal tivesse a ombriedade correspondente à manifestação baírrista, desinteressada e penhorante de João Teixeira de Aguiar; Guimarães teria teatro se não houvesse, aliás justificado, o justo receio de entravio dos profissionais de cinema e de Teatro preferirem o pagode de terras estranhas à tranquilidade do próprio lar; Guimarães teria Teatro, se, depois da nobre proposta de Teixeira de Aguiar, não se desenvolvessem logo irremediáveis pretensões de direito, anseio de futuras empresas teatrais, toda a quadrilha empotante de interesses vários e disformes para aniquilar uma aspiração justíssima.

São idos os tempos em que havia, neste mesmo Guimarães, uma outra quadrilha — essa desaparecida pela morte no Cemitério, bem enterrada, e tão sepulta, que possível é ainda preenciar-se este indecoroso espectáculo: Alguns, restantes, ainda protestam, mas a sua voz não pode encontrar eco senão naqueles que conheciam os outros que já passaram. Seja como for o problema do Teatro tem de resolver-se.

Nós sabemos bem o que se passa, sabemos como foi feita a proposta; as condições da proposta; o desinteresse da proposta; o risco e a honradez do proponente, as condições que lhe foram impostas — sabemos enfim, mas palmo a palmo e até de dedo a dedo, a razão ou o modo, pelo qual Guimarães pode ter Teatro ou pode não ter Teatro. E fartos do azar em que anda Guimarães por culpa alheia, decidimos não deixar este caso sem que ele seja julgado a bem de Guimarães.

Meu rico Santo António: o Braz Martins, que também nasceu como nós em Portugal, e como Vós, façam-nos em teatro o Vosso Milagre dos Peixes e outros — milagre algum será contado, depois da Vossa justa imortalidade, como um dos maiores na terra amolecida de Santa Maria da Oliveira de Guimarães.

No Aniversário do nosso Director

Reconhecida e tributada a nossa gratidão de vimeanenses pela obra profundamente baírrista de Antonio Dias de Castro, no dia do seu aniversário não podíamos deixar de saudá-lo, afirmando-lhe a nossa concordância com todos os seus actos e, outrossim, a admiração pelo seu sacrifício.

Pela pena brilhante do ilustre escritor, sr. dr. Eduardo de Almeida, em carta dirigida ao nosso prezado colaborador, sr. Luís Filipe Coelho, endereçamos-lhe os melhores votos pela repetição desta data festiva.

Luís Filipe:

Peço diga ao Antonino que tenho verdadeira pena de não o abraçar hoje, dia do seu aniversário.

Há entre nós o abismo da idade. Antonino, ainda, faz anos. E bem feitos. Anos de novo, anos de prometer e durar. Isso, para mim, é absolutamente considerável. Quando vejo



fazer anos, logo me recordo... Mas, é outro o caso. Peço diga ao Antonino... E Você, meu caro Luís Filipe, não lhe vai dizer que tenho pena de não fazer já os que ele está a fazer, ainda. Não, o caso é outro. E diz-se em duas palavras sinceras — o Antonino, no amolecimento proverbial da terra, afirma-se um valor de combate e de esperança. Antonino creio melhores destinos de Guimarães. Bate-se por eles. Arrisca-se por eles. Sacrifica-lhes o seu sossego e até, porventura, o seu futuro. Antonino, novo, em idade de fazer anos, não cura de si para curar de... quem lhe não agradece. Antonino, que já tem o fino perfil esguio de estatueta medieva, destina-se, na idade onde se fazem anos e muitos ainda, a Mártir sem possível canonização. Bom rapaz, afinal, bom vimaranense. Só? Ou tudo isso? Somar é tão fácil e tão difícil: para somar é preciso, julgo, haver qualidades ou verbas a somar.

Diga-lhe mais...

Seu dedicado

Eduardo d'Almeida.

A primeira rosa

Visitando, há tempos, uma casa amiga, fui levado ao jardim para admirar uma linda colecção de rosas das mais raras e mais bem cuidadas. Os vários exemplares, em pujante floração, estavam etiquetados com os nomes de reis, rainhas, príncipes e princesas, como se se tratasse dum jardim principesco quando, em verdade assim não era. A coloração, acentuadamente forte, de vários exemplares, a contrastar com os meios tons doutros e, ainda, com a alvura dos restantes, dava um matizado surpreendente e de plena maravilha.

O perfume inebriante das rosas mais afamadas, ia-se esbatendo, a pouco e pouco, nas restantes, até chegar aos exemplares brancos, como a neve espelhança, mas sem aroma.

Na visita, demorada e atenta, deparei, entre as mais belas, com uma roseira virgem, por botoar ainda e, caso curioso, sem nome. Fixei-a com mais interesse e perguntei a razão do fenómeno e do anónimo, porque me interessava, sobremaneira a pobre roseira que me pareceu abandonada. Chamado o jardineiro, explica a seu modo: é, com certeza, um exemplar estéril! Impressionado com a sentença do jardineiro atrevi-me a solicitar a cedência da roseira anónima. Dias depois era transplantada no meu pequeno jardim a roseira anónima, condenada como estéril, embora

sem sintomas doentios. Cercada de cuidados, passou a quadra própria sem florir, nem botoar sequer. Redobrei de cuidados à medida que se ia desenvolvendo e, quando principiou a botoar, em pleno outubro, pus-lhe a meio da haste, uma pequenina etiqueta com o nome: **Guimarães**. Já tinha nomes para dar aos seus rebentos; essas rosas teriam o nome da terra a que tenho dado o melhor do meu esforço, constância e inteligência. Não é grande a deferência, tratando-se da terra que me educou e amparou no verdor da mocidade; é, porém, sincera e afectiva, traduzindo, de maneira simples, mas original, a gratidão espontânea nascida e alimentada em meu pobre coração.

Em fins de outubro desabrochava a primeira rosa-Guimarães, atingindo proporções fora do vulgar e dum colorido surpreendente, não muito forte nem arrebatante, antes esbatido, suavemente, de pétala para pétala, do exterior para o interior, mais róseo, donde provinha um aroma ténue, subtil, evaporante, lembrando a candura das almas sem mancha e espedalhantes de virtudes. Uma outra rosa — a minha filha — cortou-a e deu-lhe para trono um solitário, cuja altura me trouxe à ideia as torres da igreja dos Santos Passos! Gentileza de um coração feminino que não ignora o amor que seu pai tem pela terra que ela já visitou.

Foi inspirado pela rosa-Guimarães, olhando-a a miúdo, que escrevi o ar-

tigo «Organismos mudos», no qual terminava por pedir à Comissão do Monumento dos Mortos da Grande Guerra, elucidasse, para o bem público, do andamento dos seus trabalhos, isto, nos termos mais amistosos e correctos e confiado e esperando, até, numa reciprocidade de merecida atenção. A rosa-Guimarães, porém, já fenecera e à medida que a corola se desfazia e as pétalas voltaram, uma a uma, à terra, para seguirem as leis de Lavoisier, transformando-se, ia-me convencendo da inutilidade do meu esforço, visto o apelo feito à Comissão do Monumento não haver tido resposta, reincidindo no seu silêncio, como no seu significativo mutismo. Registo o facto e trago-o à publicidade para que os leitores o julguem, visto que fazem parte da opinião pública. O desprimor não me atinge; enodda a memória dos mortos da Grande Guerra e contunde com o brio dos vivos que nela tomaram parte; só isto!

Teve uma vida curta a primeira rosa-Guimarães, porque o sol outonal, no afélio, não lhe forneceu o calor bastante e necessário à evaporação da umidade excessiva. Outro tanto não acontecerá, certamente, quando o astro-rei estiver no perélio, porque a evaporação será mais perfeita e os seus raios incidindo, a prumo, fortemente, sobre os rebentos primaveris, darão às rosas-Guimarães, além duma coloração esplendorosa e dum matizado surpreendente, um perfume tão requintado, tão evaporante e duma subtilidade só comparável à do éter que, espalhado pelos céus, anda nimbando as almas dos Heróis que, em Guimarães hão-de ter, um dia, o seu monumento, apesar do silêncio que, à sua volta, mantem e alimenta a comissão encarregada de o corporizar.

Dezembro, 1935.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

Pelas tertúlias e... cafés

A propósito da exposição da *maquette* do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, conta-se este dito esportivo e atribuído a uma das pessoas das mais gradas e respeitáveis da nossa terra.

— Sim, senhor. As letras estão muito bem feitas e admira até que tenha as datas tão certinhas!...

Interrogado sobre a sua opinião acerca do Monumento, alguém que deveria ter aguçado o apetite da parte mais interessada na sua aprovação, respondeu serena e prontamente:

— Francamente, não gosto. No Cemitério da Atouguia há coisa muito melhor.

— Ouve lá: já foste ver o monumento?

— Não.

— Pois então vai e diz-me se há *psyché* mais digno de figurar no mostruário duma manerária.

Só tem um defeito...

— Qual?!

— Faltam-lhe as gavetas.

— Afinal, aonde pretendem erigir o monumento?

— Em frente à Torre da Alfândega, tirando de lá o Candeeiro.

— Mas isto é bazar de *bric-à-brac*?

Deixem lá estar o Candeeiro que é de muita mais utilidade para o público, como refúgio de pedões.

COCA BICHINHOS.

Crítica Semanal

O nosso Quartel em foco...

Desde há tempos que o nosso antigo quartel, que outrora serviu de reguardo ao saudoso Regimento de Infantaria — 2) —, se encontra completamente desabitado, triste e sózinho, talvez destinado a um Convento de... Empatas, não tendo quem o *entretinha* nas malditas horas de monotonia...

Pobre quartel!... Saudoso Regimento!... Desolada terra!...

Até os tachos e panelas e todos os restos mortais do mesmo lhe levaram?...

Diz-se que venderam ou vão vender o canhão que servia de embelezamento ao quartel...

Nem isso escapou. Infeliz terra. Ai tens a tua sina!...

As pombas que davam a alegria ao quartel, vão, diariamente, morrendo de fome.

É não há um único filho de Guimarães que, milagrosamente, se lembre de que nos tiraram o Regimento, o Distrito de Reserva, a música do 20, o Liceu Central, etc., etc., que só a nós pertenciam, com muita honra, e proteste junto dos altos Poderes Públicos, a fim de justiça nos ser feita.

Avenida intransitável

Lembramos, mais uma vez, à Comissão Administrativa da Câmara, a necessidade que há em mandar concertar a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, pois devido ao estado indelicado em que se encontra, obsta a que se transite pela mesma avenida.

E como estamos no inverno, mais difícil como se torna, motivo por que rogamos à Ex.^{ma} Câmara se digne providenciar, a fim de a avenida em ques-

tão ser concertada o mais urgentemente possível.

Isto para não dizermos a cantiga dum certo sjeito de Braga — «Quem passar a Guimarães, tem de arregaçar as calças para passar o lameiro».

Crítica do futebol

Correm, sobre os nossos ouvidos, uns valentes murmúrios, à cerca do desafio de futebol realizado em Fafe, entre o Vitória, desta cidade, e o Sporting de Fafe.

Queixam-se uns, porque o Vitória devia ter ganho, mas não ganhou por infelicidade.

Queixam-se outros, porque a culpa foi do seu treinador, que modificou a linha e não jogou pelo seu grupo.

Queixam-se ainda outros e dizem que a culpa foi dos jogadores do Vitória, pelo menos de alguns de fora, os quais andaram toda a noite na *gandáia*, não só na véspera do desafio entre o Sporting de Fafe e o Vitória, mas também na véspera do desafio com o Sporting de Braga, em Braga, e etc.

Nós optamos, dos três queixumes, pelo terceiro, pois garantiram-nos que alguns dos ditos jogadores de fora, os quais andaram toda a noite na *gandáia*, não só na véspera do desafio entre o Sporting de Fafe e o Vitória, mas também na véspera do desafio com o Sporting de Braga, em Braga, e etc.

Se assim é, resta que os dirigentes do grupo, que são pessoas honestas e competentes, averiguem a falta de cada jogador, e os punam, conforme os seus erros.

Não é lícito, nem razoável, que os sócios do Vitória, estejam obrigados a sustentar jogadores sem noção das responsabilidades que lhes cabem.

REPORTER A.

Monumentos...? mais um

Sempre tarde, muito tarde mesmo, é que os homens da minha terra vão fazendo justiça às figuras que veem compondo a história desta velhinha Guimarães.

Um dia, surgiu-nos Sarmento, o talentoso Sarmento! Depois, surge-nos João Franco, grande estadista, o nosso grande amigo João Franco! Seguidamente, o modesto mas artista, o grande artista Gravador Molarinho, por escárnio metido ali no tronco do ferrador.

Aparece agora outro monumento não sei a quem, porque como era já noite e de noite todos os gatos são pardos, não pude ler as letras doiradas da sua «maquette» que se expunha no átrio da Sociedade Martins Sarmento; mas pela forma, pela figura, deu-me a impressão de um monumento à célebre «Parróla», sardinheira, que deve estar ainda na memória dalguns Vimaranenses, quando com galhardia e garbo, levava à cabeça a sua canastrinha de sardinhas, porque então eram canastrinhas azeitadas, e hoje são... canastrões.

Só o monumento aos mortos da Grande Guerra, é que caminha a passo lento, mas também compreendo... quando se caminha lentamente, mas que se caminha, esse caminhar seguro conduz-nos sempre à realidade dos factos. E tenho a certeza de que a Ex.^{ma} C. A. da Câmara Municipal há-de chamar, sem perda de tempo, um arquitecto, mas um arquitecto que possa dar ao povo, esculpido na pedra e no bronze, a sentida homenagem que temos de prestar a quem tomou para sempre nos Campos da Flandres. Havemos de chamar um artista que sinta o que foi a Guerra! O monumento aos mortos, é o sino do campanário nas últimas badaladas da vida, é a orfandade dantes tão acariciada com o abafado de quem foi pai, despida afóra de todos os carinhos, atirada à rua, entregue ao destino! São os soldados em marcha, garbosos que partiram, substituídos por bocadinhos de papel, quantas vezes escritos no para-peito das trincheiras, levando um alento falso e mentiroso, para enxugar lágrimas de pais, filhos e irmãos.

É a farda, outrora com os botões luzentes, a iluminar o caminho para um dever a cumprir, afóra transformada em farrapos ensangüentados, em lama, em verdade.

São os lares de ontem, ale-

Doentes...

Há criaturas — coitadas! — dotadas de tal atrevimento e tanta ignorância que, por vezes, dão a impressão de terem nascido e crescido em qualquer aldeola onde nunca tivessem penetrado as normas da educação e da decência.

Estes casos que são frequentes, mais uma vez se registaram a quando da conferência do sr. Dr. Leonardo Coimbra, realizada no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, no passado dia 1 do corrente.

Enquanto que alguns ignorantões, a quem a oração do eminente conferencista absolutamente nada podia interessar, se sentavam em ótimas cadeiras, vimos nós pessoas da maior respeitabilidade e, até, algumas delas com missões a cumprir, andar aos saltos, de um sítio para outro, empurrados pelos tais educados, a quem a febre de se mostrarem tenazmente atormentava.

Ora isto não está certo e há necessidade de que esses cavalheiros se emendem. É preciso que saibam o lugar que lhes cabe na sociedade e ao qual se têm de adaptar sob pena de continuar sendo considerados indesejáveis em qualquer lugar onde se encontrem.

Se a nossa opinião constituísse lei, ensinar-se-lhes-ia as normas da correção, e temos a certeza de que a lição lhes aproveitaria...

Infelizmente assim não acontece e, por isso, há que gramá-los até ver!...

BELGATOUR.

AGRADECIMENTO

Venho, por este meio, tornar pública o testemunho da minha gratidão sem limites à Ex.ª Dr.ª Hedwiges Machado, pela forma carinhosa, solícita e alta competência como tratou minha falecida irmã Albertina Dias de Almeida.

Sei que vou ferir a modéstia de S. Ex.ª, mas, deixar na obscuridade as suas nobilíssimas qualidades de médica, seria uma falta imperdoável.

Aproveito, também, a oportunidade para agradecer a todas as pessoas que me manifestaram pêsames pela dor que me feriu. Guimarães, 29 de Novembro de 1935.

Laura Dias de Almeida.

Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesse

Tendo-se procedido, ultimamente, à eleição dos novos Corpos Gerentes desta colectividade, verificou-se o seguinte resultado:

Assembleia Geral

Presidente, João Ferreira Rodrigues, Empregado Bancário; 1.º Secretário, José de Freitas, Fabricante de Calçado; 2.º Secretário, Jerónimo Leite, Surrador.

Direcção — Efectivos

Presidente, João da Costa, Industrial; Secretário, Constantino Alves, Empregado de Escritório; Tesoureiro, António Alves Ferreira, Industrial. Vogais: António José da Silva, Operário Fabril; Manuel da Silva Ferreira, Empregado Comercial; Manuel Cardoso, Surrador; João Artur Alves de Abreu, Surrador.

Suplentes

Presidente, Domingos Alves Machado, Fotógrafo; Secret., Belmiro dos Santos Martins, Empregado Industrial; Tesoureiro, Manuel Fernandes, Alfaiate. Vogais: João Salgado, Fabricante de Calçado; Abraão José de Abreu, Operário Fabril; José Augusto Branco, Ferrador; Joaquim de Sousa Pinto, Ferrador;

Conselho Fiscal — Efectivos

João da Silva, Empregado Industrial; António de Freitas, Industrial; Manuel Magalhães, Operário Fabril;

Substitutos

José Pereira Gonçalves, Funcionário; Luís da Costa, Fabricante de Calçado; José António Pereira de Melo, Cutileiro.

gres embora pobrezinhos, transformados em luto, em fome, em miséria!

E creio que perante esta hecatombe, não pode vir a Parróla dizer:

Eu sou o monumento aos Mortos da Grande Guerra.

SOLDADO RAZO.

O Natal dos nossos Pobres

Está à porta o Natal e os pobrezinhos vão-se abeirando de nós, todos os dias, pedindo os não esqueçamos no Grande Dia consagrado à Família. E são tantos, tantos, que o «Notícias de Guimarães», a exemplo dos anos anteriores, abre hoje a sua subscrição, fazendo, ao mesmo tempo, mais um apêlo a todos os seus leitores e amigos, certo de que eles virão, mais uma vez, trazer as esmolas que hão-de, na grande e evocadora Festa da Família, transformar-se em pão sobre muitas mesas.

Migalhas é pão! — já aqui o dissemos — e os nossos leitores vão, sem dúvida, dar uma esmola, mesmo que pequena, para confortar muita miséria oculta, para consolar muita alma triste, para enxugar muita lágrima.

Está aberta a subscrição.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries for D. C., Francisco Laranjeiro dos Reis, Manuel Alves Machado, Anónimo, and A. F., with a total of 102\$00.

Festas Nicolinas Para que os Vimaraneses saibam

Terminaram as Festas Nicolinas. Os estudantes fizeram o que puderam e a tradição cumpriu-se uma vez mais.

As «Posses» decorreram na melhor ordem embora com pouca animação.

A propósito do «Bando Escolástico» da autoria do nosso querido colaborador e illustre Poeta Delfim de Guimarães e recitado pelo quintanista Helder Raúl de Lemos Rocha, agradou, tanto a letra como a declamação.

Tamborileiros em reduzido número o que é para lamentar, pois a Festa é de estudantes e nela todos deviam tomar parte.

O cortejo muito pobresinho, merecendo notável reparo a indumentária do homem que guiava o carro, cujo farpela daria bem num outro carro muito nosso conhecido e não naquele que conduzia o «pregoeiro» e demais membros da Comissão das Festas Nicolinas.

Deu-nos a impressão dum frete para as Taipas ou para o S. Bento da Porta Aberta.

Chama-se a isto ter pouca consideração pela terra e abusar da inexperiência dos jovens académicos.

Semelhante aquilo só o automóvel que faz a carreira para Felgueiras e que, coitado, já nem pode com um gato pelo rabo...

Mas, voltando outra vez ao timpão: porque é que o homenzinho não se lembrou de pedir emprestado ao Sr. Agostinho Lemos, a cartola que tantos anos serviu de taboleta ao estabelecimento? Devia de lhe ficar a matar... e evitaria sobretudo o ridículo do cortejo.

No entanto cumpre-nos saudar a Comissão deste ano por não ter deixado esquecer estas festas tão queridas do nosso povo!

Com a entrega das «Maças», incontestavelmente o número de mais requintada galanteria de toda a festa, que podia e devia ter mais brilho, se nele colaborassem todos ou pelo menos uma grande parte dos estudantes do nosso Liceu, terminaram, por este ano, as tradicionais festas do «S. Nicolau».

O cortejo das «maças» exageradamente modesto, e a sua-jo, ainda, a fátola e o chapéle do timpão, teve a dar-lhe um pouco de colorido dois automóveis lindamente ornamentados à moda antiga e alguns cavaleiros graciosamente fantasiados pelo que merecem louvores e parabens os académicos.

As «Dansas» ficaram na penumbra ou no tinteiro como vulgarmente se diz. Foi pena.

NOTICIAS PESSOAIS

Padre José Ferreira Leite

Continua algo incomodado o nosso bom amigo e virtuoso sacerdote Rev. José Ferreira Leite, dig.º Padre Mestre da V. O. T. de S. Domingos.

Desejamos o seu completo restabelecimento.

Em viagem

Em viagem comercial da importante casa Alberto Pimenta Machado, partiu ontem para as ilhas o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas.

De regresso

Das suas propriedades de Basto, regressou com sua família o nosso prezado amigo sr. António da Mota Teixeira Bastos.

— Regressou do Brasil, de visita a seu irmão, o Rev. José Ferreira Leite, o nosso conterrâneo sr. Alfredo Ferreira Leite.

Delfim de Guimarães

Esteve entre nós, no penúltimo domingo, o nosso querido amigo e illustre colaborador sr. Delfim de Guimarães.

Freitas Soares

Também esteve nesta cidade na sexta-feira, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o nosso querido amigo e distinto colaborador sr. António de Freitas Soares.

Euclides Sotto Maior

Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso distinto camarada e amigo da risonha vila de Fafe sr. Euclides Sotto Maior.

Da Cidade DESPORTO

Concerto de caieiros — Da C. A. da Câmara recebemos, com pedido de publicação, a seguinte nota:

Rogo a V. ... que, no interesse dos municípios, se digne informar, no seu muito lido Jornal, que tendo terminado os trinta dias de tolerância, concedidos pela Câmara, para o concerto dos caieiros nas ruas da cidade, vão ser aplicadas, aos que não tenham respeitado as disposições municipais, as respectivas sanções.

Registo Civil — O movimento nesta repartição e durante o mês findo foi o seguinte: Casamentos, 26; nascimentos, 224; óbitos, 152.

Posto de Socorros — No Posto de socorros de «A Social» fizeram-se, durante o mês findo, 572 curativos.

Orfeão de Guimarães — Continuam, todas as noites, os ensaios do Orfeão de Guimarães, recentemente reorganizado.

O número de inscrites tem aumentado consideravelmente, o que é digno de registo.

— Esteve em festa na sexta-feira passada o nável Orfeão de Guimarães, por motivo da entrega do estandarte do antigo e saudoso Orfeão.

Um grupo de antigos componentes, acompanhados pelo actual presidente da Assembleia Geral sr. Alfredo Guimarães dirigiram-se à sede do novo grupo e, por entre aclamações, fizeram a entrega da bandeira, falando sobre o acto o presidente da A. G. Aquela festa terminou com a audição de interessantes canções.

Unidade Militar — O correio trouxe-nos uma carta assinada por «Um Grupo de Vimaraneses» que nos mencionam o nome duma pessoa a quem chamam «o coeiro da Unidade Militar de Guimarães».

As cartas anónimas se são muitas vezes lançadas ao correio com boas intenções, outras vezes, também, encobrem fins reservados e por elas não podemos fazer fé.

Apareçam-nos, por isso, algumas das pessoas que compõem o grupo e nós não teremos dúvida alguma em pôr a claro o que se passa.

Obra útil — Do sr. José Pereira, illustre escultor e professor da Escola Industrial «Alfonso Domingues», de Lisboa, recebemos, com uma amável dedicatória, o seu interessante livro «O Desenho Infantil e o Ensino do Desenho na Escola Primária» a que oportunamente nos referiremos.

Os nossos maiores agradecimentos.

Baptizado — Na Igreja de N. S.ª da Oliveira, foi solenemente baptizado um filho do nosso prezado amigo Sr. João António da Silva Guimarães, que recebeu o nome de João.

Foram padrinhos a Sra.ª D. Maria Rosa Nobre e o também nosso prezado amigo Sr. João Pedro de Sousa Baptista.

Festividade — Realizou-se ontem a festividade anual em honra de N. S. da Conceição, que se venera na sua histórica capelinha no lugar da Conceição de fora. O local, onde houve o tradicional arraial das «passarinhas» foi muito concorrido.

— Em alguns templos da cidade festejou-se, também, a Padroeira de Portugal.

Palácio da Restauração — A Comissão encarregada da compra do Palácio da Restauração enviou à Comissão Administrativa da Câmara algumas listas que se encontram patentes na Secretaria Municipal a todas as pessoas que desejem inscrever.

A Comissão Administrativa da Câmara inscreveu já com cinco mil escudos.

Sarau Académico — A academia vimaranense realiza no próximo dia 19, num dos salões do Asilo de Santa Estefânia, um espectáculo em benefício da Caixa Escolar.

Dizem-nos que o programa está sendo cuidadosamente elaborado.

Caia do Natal — Tem sido bem acolhido pelos vimaranenses, o que já era de esperar, o apêlo feito pela respectiva comissão a favor da Ceia de Consoada dos Pobres, que, mais uma vez e obedecendo a uma secular tradição, vai realizar-se na noite do dia 24 próximo, no Albergue de S. Crispim.

Incêndio — Na sexta-feira, pouco depois das 11 horas houve um principio de incêndio na chaminé da V. O. T. de S. Francisco. Felizmente foi prontamente extinto, tendo comparecido rapidamente os B. V.

Eleição da J. E. C. F. — Tendo-se procedido à eleição das alunas escolares, desta cidade, para representar a Juventude Escolar Católica Feminina, no corrente ano de 1935/1936, deu o resultado seguinte: Presidente: — D. Maria Amélia Coutinho.

Secretária: — D. Estefânia Adelaide Mesquita Vieira de Andrade; Tesoureira: — D. Georgina de Barros Silva.

Festividade a Santa Luzia — Como conclusão das novenas a Santa Luzia que se venera na igreja de S. Dâmaso, haverá uma luzida festividade em honra da mesma Santa, cujo programa é o seguinte:

Pelas 10 e 1/2 horas, haverá solene missa cantada, e de tarde, pelas 4 horas exposição e às 5 horas sermão pelo abade de Mesão-Frio, Te-Deum

CALENÁRIO DOS JOGOS DO CAMPEONATO DISTRITAL

8 DE DEZEMBRO

Em Braga — Sporting de Braga vence o Sporting de Fafe por 5 a 0; Em Fafe — Gil Vicente vence o Foot-ball Club de Fafe por 6 a 3; Em Guimarães — Vitória vence o Comercial de Braga por 10 a 0

CLASSIFICAÇÃO

Table with 2 columns: Team and Points. Sporting de Braga (Campeão Distrital) 28, Vitória Sport Club 27, Sporting de Fafe 20, Gil Vicente, de Barcelos 20, Comercial de Braga 13, Foot-ball Club de Fafe 11.

(!) Por ter infringido o artigo 15.º do R. G. foi-lhe anulado um ponto.

e benção do Santíssimo, e estará à veneração dos fiéis a devota Imagem.

Casamento — Na Igreja Paroquial de Escapães, Vila da Feira, realizou-se ontem o casamento do sr. João Dias Pinto de Castro, filho da sr.ª D. Maria Joaquina Pinto e do sr. Francisco Dias de Castro, já falecido, com a sr.ª D. Laura Amélia de Lima e Silva, filha do sr. António Henriques da Silva e de sua esposa a sr.ª D. Laura Amélia de Lima.

Foram padrinhos, por parte da noiva o nosso prezado amigo sr. Antero Henrique da Silva e sua esposa a sr.ª D. Esmeralda Pereira de Figueiredo e Silva, respectivamente, seu irmão e cunhado, e por parte do noivo sua mãe e seu irmão o sr. Dr. Mário Dias Pinto de Castro.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Mandado de Captura — A Polícia de Barcelos pediu a P. I. C. do Pôrto a captura de Alvaro da Silva Lopes, fotógrafo-ambulante, por furto de dinheiro e vários objectos, e natural deste Concelho.

Monumento ao dr. Magalhães Lemos — Na semana finda esteve em Felgueiras o distinto escultor e director da Escola Industrial e Comercial «Francisco Holanda», sr. António de Azevedo, a fim de escolher o local para o monumento a erigir, naquela vila, à memória do dr. Magalhães Lemos.

João de Oliveira Matos — Encontra-se entre nós, o nosso prezado conterrâneo e amigo, sr. João de Oliveira Matos, negociante na Capital.

Final do Campeonato Distrital

Com o desafio ontem realizado, terminou o campeonato de futebol do distrito. O Sporting de Braga conquistou, mais uma vez, o título máximo e o Vitória o segundo lugar. Felicitamos os dois grupos pelos lugares alcançados.

Contra toda a expectativa não foi necessário novo jogo entre o Vitória e o Sporting, pelo empate conseguido em Fafe pelo grupo vimaranense. Perdeu-se assim uma oportunidade excelente, para ajuizar do valor competente das duas equipas, que em campo neutro, fora dos ambientes normais de cada meio, longe de gramofones, foguetões, piadas, insultos, etc., dariam todo o rendimento possível, dentro do valor e classe de cada um. Foi pena!

Sobre o empate de Fafe, grossa ceulema se levantou no meio desportivo da cidade. A alguns jogadores foi assacada a causa do resultado. Do inquérito feito, foi severamente admoestado um jogador, que esquecido das circunstâncias que a situação de profissional acarreta, se desobrigou do cumprimento dos seus deveres, como assalariado, pois não levava uma vida que salvaguardasse convenientemente o seu organismo — elemento natural do seu officio — não dando assim convenientemente cabal rendimento.

Como o profissionalismo é estúpido!...

O jogo:

Arbitra Augusto Martins. Comercial tem a bola de saída que numa avançada a leva às balizas do Vitória. Lima alivia e Vitória riposta com presteza, permitindo a Clemente servir bem João Jesus, que aponta com colocação o 1.º ponto dos vimaranenses. Bola ao centro. Comercial sai e perde a bola na defesa adversária. Há avançadas dum lado e doutro sem finalidade, embora os alvi-negros sejam mais perigosos. Clemente apodera-se da bola, dribla e chuta forte à quem da grande área o 2.º goal. O Comercial ataca e leva bola às redes de Ricoca sem perigo. O jogo desenvolve-se mais no campo dos comerciais. Os verde-negros, tem uma descida que termina por mau remate perdendo a melhor ocasião de marcar. Vitória perde também uma ocasião de marcar. Vitória perde também uma ocasião esplêndida. O jogo decaí um pouco em interesse. Vitória

animado pela assistência salva por momentos a monotonia.

Vitória aperta e domina. O jogo anima-se com um pouco de violência à mistura. O árbitro não reprime com energia alguma dureza à margem das leis. Comercial, embora dominado, tem fugidas de certo perigo, que tornam a partida interessante. A qualidade de técnica nesta parte é fraca, notando-se do lado do Vitória nervosismo e pouco cuidado com as desmarcações. O árbitro assinala um penalty rigoroso contra o Comercial, por mão intencional de um dos defesas. A lei é suficientemente clara nestas faltas, mas parece que as suas disposições são pouco conhecidas... lá por Braga. Zeterino chutou mal a grande penalidade, emendando assim, sem intenção — verdade se diga — a falta do árbitro. O jogo continua no campo dos visitantes e o apito soou para terminar a 1.ª parte.

Vitória foi muito superior ao adversário e o resultado é pequeno demais para si.

2.ª parte

Vitória desce rapidamente e instala-se no campo dos bracarense. J. Jesus apodera-se da bola e remata o 3.º goal. Momentos depois Clemente à boca das redes marca o 4.º. Comercial faz uma descida sem finalidade. A. Augusto dum livre marca o 5.º. Clemente marca o 6.º, de cabeça. Vitória faz subir assim rapidamente a marcação. Comercial defende-se da qualquer modo, debaixo da complacência do árbitro. O jogo violento irrita o público e os protestos ouvem-se juntamente com alguns ditos pouco a propósito. O pontapé para a frente é a característica do encontro. J. Jesus marca de perto o 7.º goal. Faria perde por mau pontapé uma boa ocasião. Comercial sacode por momentos o domínio e faz algumas fugidas em forma, merecendo marcar. Ricoca, a uma bola mal intencionada, faz uma grande defesa. Vitória, novamente ao ataque, dá aso a que J. Jesus marque a 8.ª bola. Bravo salienta-se por o seu bom jogo, apesar de cuidadosamente, vigiado. Clemente marca mais o 9.º goal, e o 10.º sai dos pés de J. Jesus, dum chute rápido e oportuno.

Termina a partida e o resultado, amolda-se satisfatoriamente ao jogo, embora houvesse momentos em que o Comercial devia ter marcado. Não foram muitas as ocasiões, mas as que se apresentaram, foram desperdiçadas por maus pontapés e atrapalhados.

Vitória não jogou a satisfazer. Em frente das redes contrárias; há embrulhada, aglomeração, colocações indefinidas, onde a bola sem controle se perde com facilidade. Há demoras demaziadas, passagens vagarosas, em vez de rapidez. Não se procura por improviso, bater velozmente a defesa não permitindo que ela cubra convenientemente o seu terreno; atrapalhá-la pelo ataque inesperado e, por passagens combinadas; desmorte-la. Os «corners» continuam a nada render! Há faltas também na forma de os marcar e deficiências na colocação do jogador para o receber. Todo o «team» precisa de uma «afinação» para dar o máximo rendimento.

A arbitragem de Augusto Martins não foi boa. Além do que atrás dissemos faltou-lhe a energia necessária para se impôr a tempo, não permitindo a violência. Errou também na marcação de diversas faltas.

ALMEIDA FERREIRA.

Atrazo na expedição

Por motivos absolutamente estranhos à nossa vontade, o presente número do nosso jornal sai com um dia de atrazo, do que pedimos imensa desculpa aos nossos estimados leitores.

CASA PIMENTA

Rua 31 de Janeiro

todos feitos, desde 60\$00. Não façam as suas compras sem primeiro visitarem esta casa.

Acabam de chegar as maiores variedades em sobretudos e casimiras para a época de inverno. E' esta a casa que maior sortido tem.

Grandes saldos em casimiras. Sobre-

Do Concelho

Caldas das Taipas, 5.
295 anos desapareceram já na viagem do tempo depois da imorredoura data em que do trono de Portugal foram depostos os espanhóis, que durante 60 anos governaram, oprimindo o povo português.
Três reinados seguidos de outros tantos Filipes se passaram em que, os portugueses, vivendo sob as mais apertadas algemas e submetidos às mais duras provas, tiveram de suportar a cruel e nefasta administração castelhana.
Os tributos excessivos e cada vez mais crescentes iam arrastando para a miséria o bom e incomparável povo português, que — além da extorsão — se sentia vexado no seu brio e profundamente ferido no amor pátrio, vendo seriamente comprometido perante o mundo o bom nome de Portugal, que os nossos antepassados tinham posto em destaque com as mais arrojadas conquistas e audaciosas descobertas!
Impunha-se, portanto, para honra e decore de Portugal, acabar com essa farça...

É um dia, madrugada alta, um grupo de homens, portugueses de rija tempera e da mais fina estirpe do seu tempo — recuando pelo povo humilde mas que também sabe ser português nas horas graves e de infortúnio — num gesto supremo de abnegação e heroísmo, se lançaram na revolução que pôs termo à dominação estrangeira.
... Assim foi firmada a nossa independência e proclamado D. João IV Rei de Portugal!

Em comemoração desta data tão faustosa para todos os portugueses reúnem-se nas escolas oficiais desta freguesia os alunos das escolas de S. Martinho de Saude, S. Lourenço de Saude e S. Clemente de Saude, que conjuntamente com as das nossas escolas, em número de 490, e acompanhados dos seus respectivos professores formaram um extenso cortejo que atravessou as ruas da povoação, com a Banda das Taipas à frente, iudo assistir à missa na nossa igreja paroquial.
Terminado o religioso acto, novamente o interessante cortejo — que oferecia um lindo efeito pelas inúmeras bandeiras que as crianças impunham — se pôs em marcha em direcção ao Hotel das Termas, aonde se encontrava hasteada a bandeira nacional, perante a qual desfilavam em continência, cantando em seguida o hino nacional.
Após esta cerimónia pelo nosso amigo sr. João Rodrigues Marques, illustre delegado do Inspector da Região Escolar de Braga foi feita uma impressionante alocução, na qual aludiu ao desastre de Alcácer-Quibir e, consequentemente, ao reinado dos Filipes, que demoradamente analisou, acabando por incitar as crianças ao amor pátrio e ao cumprimento dos seus deveres para com seus pais e professores, para que, constituindo a sociedade de amanhã, saibam ser portugueses dignos do seu nome.
A brilhante alocução terminou com muitas palmas e vivas aos srs. Presidente da República, Ministro da Instrução e dr. Oliveira Salazar, etc.
Foram-lhes tiradas fotografias pelo

ex.º sr. dr. Alfredo Fernandes, nosso prezado amigo e distinto fotógrafo-amador.

Em seguida foi-lhes oferecido pelos respectivos professores um magusto, sendo-lhes distribuídas castanhas em abundância e vinho.

Assim terminou uma festa simpática que os srs. professores tão bem souberam delinear, proporcionando às crianças umas horas de grande satisfação e alegria.

S. Torcato, 23.

(Retardada)

Na vizinha freguesia de Rendufe, faleceu, na quinta-feira da semana passada, o proprietário sr. Manuel Joaquim Ribeiro, que dias antes havia adoecido. Era aqui muito estimado devido ao seu belo carácter.
Descanse em paz.
— Na sexta-feira da semana passada, fomos à freguesia de Rendufe acompanhar o cadáver dum nosso irmão para o cemitério. Clovia torrencialmente e todos os componentes, do joelho-abaixo, iam encharcados e enlamiados; os que transportavam o féretro, era um clamor: pântanos, charcos, aguaceiros, enfim, uma infidelidade de impelchões se opunham à regularidade do acto que se realizava.

Aquella freguesia, a mais retirada da sede do concelho, está completamente abandonada: nem caminhos, nem estradas, escolas não possui; enfim a-pesar da quele bom povo pagar tudo quanto lhe é exigido pelos poderes públicos, regalia alguma tem tido até hoje, vivendo no rol dos nunca lembrados. Pois não é digno de um tal abandono a que foi lançado, mas sim de que a digna Comissão Municipal de Guimarães o acaricie fazendo-lhe justiça, dando à Junta de Freguesia uma verba para reparação de caminhos, construção da estrada que segue da rua da Corredoura (S. Torcato) e, bem assim, uma escola oficial para os dois sexos, que é de urgente necessidade, pois tudo são analfabetos, e por culpa de quem? A escola mais próxima é S. Torcato, que dista cinco quilómetros, e tem professor e professora, numa freguesia que conta aproximadamente 400 crianças, sendo impossível aceitar crianças de freguesias limítrofes. Nestas circunstâncias, as crianças dessas freguesias estão na contingência de ficar na obscuridade analfabética, a-pesar das grandes campanhas que na imprensa periódica se vem efectuando contra o analfabetismo. Aqui fica o nosso pedido perante quem compete.

— Na quinta-feira da semana transacta, por motivo do óbito de seu querido pai, visitou-nos o nosso amigo sr. António Fernandes Ribeiro, proprietário em Rendufe.
— Na quarta-feira da pretérita semana, deu-nos a honra da sua visita o grande benfeitor de S. Torcato, sr. Alberto Pimenta Machado, que conjuntamente com outros amigos fez uma caçada nos montes de Montalegre.
Os nossos cumprimentos.
— No domingo passado, faleceu, na freguesia de Gominhães, a proprietária sr.ª D. Joana Maria Costa, bondosa esposa do nosso amigo sr. José da Aldeia de Baixo. Era muito caritativa para os necessitados. A sua falta foi muito sentida nesta freguesia.

A família enlutada apresentamos os nossos sentidos pésames.
— O sr. João Carlos Soares, de Guimarães, foi autorizado a estabelecer carreira diária de caminheta de Guimarães a S. Torcato e Gonça, e vice-versa. Devemos mais este importante melhoramento ao sr.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

A residência dos D. Priores XIII

Em 1688, encontrando-se em Aveiro, determinou ao Cabido as exéquias por Afonso VI.
Em 1691 D. Pedro de Sousa visitou a Colegiada no espirital e no temporal, louvando muito o Cabido pelo costume de acompanhar a imagem da Senhora da Lapinha na sua procissão, bem como a de S. Torcato quando vinham de clamor à vila, aquélla em 13 e esta em 29 de Junho de cada ano.
Mas, para evitar certos inconvenientes que lhe apresentaram, ordenou que dali por diante que os ditos clamores, ao saírem da Colegiada, não fossem acompanhados mais longe que até à rua de Santa Maria, como era de costume antigo. Em 1611 o D. Prior, para fundamentar com bases sólidas e seguras a sua ausência do benefício do priorado, conseguiu de Roma um documento pontifício sobre o assunto.
E tanto assim que num documento que encontramos na Biblioteca da Aju-

O FUTURO NÃO ASSUSTA NINGUÉM

Inscrevendo-se sócio do **Montepio «A REFORMA»**, com sede na Rua Alexandre Braga, 114 — PORTO,

ASSEGURA O SEU FUTURO E O DOS SEUS

Com uma insignificante cota, os associados ficam com direito:

Pensão de reforma até 450\$00, mensais — Pensão a herdeiros até 150\$00, mensais — Pensão de inabilidade até 360\$00, mensais — Subsídios únicos até 1.500\$00, e Subsídio para funeral de 1.000\$00 a 25 000\$00

Podem inscrever-se os indivíduos de ambos os sexos, desde 16 a 50 anos

Até 31 de Dezembro de 1934 foram pagos os seguintes encargos: Pensões de reforma, 863.735\$96; Pensões de inabilidade, 42.668\$40; Pensões a herdeiros, 151.263\$80, e subsídios únicos, 38.960\$00

Os subsídios que este Montepio concede, não podem ser penhorados nem arrestados (Art. 21.º do Decreto-lei 19.281).

Indique-nos, num simples postal, a sua idade e a pensão ou legado que pretende, ou ainda quaisquer outros esclarecimentos, e, na volta do correio, prestar-lhe-emos fôdas as indicações

AGENTE — Rafael Pereira Lopes.

Alberto Pimenta Machado, juiz da I. de S. Torcato.

— Na terça-feira passada, consorciouse, no Pósto do Registo Civil, desta estância, o sr. Alfredo Ribeiro, proprietário de Gollis, Fafe, com a sr.ª D. Emília Cardoso de Sousa, proprietária, do lugar dos Cachos, freguesia de Lobeira.

Aos nubentes desejamos um futuro feliz.

Ferreira, Diniz & C.ª, L.ª

Por escritura de 23 de Novembro de 1935, lavrada pelo notário Gonçalves Júnior, do concelho de Vila Nova de Famalicão, foi constituída entre Jerónimo Pereira, João Francisco Ferreira, Luís Leite Diniz, e Casimiro Lopes, uma sociedade por cotas, de responsabilidade limitada, a qual se regulará pelos artigos seguintes:

- 1.º A sociedade adopta a firma Ferreira, Diniz & C.ª, Limitada, tem a sua sede e estabelecimento fabril no lugar da Igreja, da freguesia de Guardizela, concelho de Guimarães, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu começo, para todos os efeitos, desde hoje.
- 2.º O seu objecto é o fabrico e o respectivo comércio de tecidos de algodão, bem como qualquer outro ramo deliberado por accordo dos sócios, com excepção do bancário.
- 3.º O capital social é de 20 contos, em dinheiro, já integralmente realizado,

sendo de 5 contos a cota de cada um dos sócios.

A gerência, dispensada de caução, compete ao sócio João Francisco Ferreira, e, na sua falta ou impedimento, ao sócio Luís Leite Diniz.

§ único. Os gerentes terão a remuneração que os sócios convencionarem.

E' proibido o uso da firma em documentos que não respeitem directamente à sociedade, como letras de favor, fianças e semelhantes.

A cessão de cotas, total ou parcial, só é permitida entre os sócios.
§ único. Do disposto neste artigo exceptua-se o sócio Jerónimo Pereira, que fica, desde já, autorizado a ceder, a quem entender, toda ou parte da sua cota.

Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que ella necessitar, nas condições de juro e reembolso deliberadas em assembleia geral.

O balanço annual será dado em 31 de Dezembro e os lucros, depois de retirados 5 % para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas cotas e o mesmo se observará nos prejuizos.

Por falecimento ou interdição de qualquer sócio, continuará a sociedade com os sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, devendo esses herdeiros

Em Setembro de 1714 o D. Prior, ausente em Calhariz, subúrbios de Lisboa, escreveu ao seu Cabido, accusando a recepção da sua carta sobre a visita do Arcebispo de Braga à Colegiada, na qual o D. Prior lhe fazia ver que não se devia alterar o uso que sempre houve com todos os srs. arcebispos, antecessores do presente, sem mais consideração que a de recebê-lo com aquele obsequio que se praticou com os mais.

Por esta carta constatamos nós não só a ausência do D. Prior, mas também a manutenção dos seus privilégios episcopais que foram a causa de renhidas lutas, das quais um dia trataremos, embora nos julgemos algum tanto inútil para esse fim, visto ellas serem dignas de um poema como o do *Hissopo*.

A não residência dos D. Priores em Guimarães é assunto que se presta às mais clamorosas controvérsias.

Pósto isto, vamos continuar a aduzir provas para corroborar o que sobre este assunto afirmamos quasi no principio.

Em 1820 — segundo um documento do maço 377 referente ao Ministério

ros ou representantes nomear um dentre elles para os representar na sociedade.

As assembleias gerais, quando a lei não determine o contrário, serão convocadas por cartas registadas com a antecipação de 5 dias.

Em todo o omissio, regularão as disposições legais applicáveis e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.
Famalicão, 29 de Novembro de 1935.

O Notário,
Jerónimo Pereira Gonçalves Júnior

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

SERVIÇO DE FISCALIZAÇÃO

Mês de Novembro

Informa esta Comissão que a Brigada de Fiscalização exerceu os seus trabalhos nos Concelhos de Arouca, Braga, Caminha, Castelo de Paiva, Gondomar, Ponte do Lima, Póvoa de Lanhoso, Vila de Cambra e Viana do Castelo, onde visitou 316 estabelecimentos de venda de vinho verde e 516 adegas de produtores afim de averiguar da existência de vinho.

No Porto colheram-se 178 amostras de vinhos verdes, sendo 103 referentes aos vinhos entrados na cidade e Entrepósto de Guia e 75 de vinhos destinados à exportação, as quais deram entrada no n.º Laboratório para a competente análise.

Em Lisboa também se exerceu a Fiscalização, tendo sido visitados 281 estabelecimentos, onde se vende vinho verde.

Por transgressões verificadas foram levantados 254 autos e apreenderam-se 4.530 litros de vinho extranho à região.

Porto, 5 de Dezembro de 1935.
O Chefe dos Serviços de Fiscalização,

a) Francisco Manuel da Fonseca Cardoso.

Secção de Estatística

Saídas de vinhos verdes do região regulamentada durante o mês de Novembro:

DESTINO	VINHO TINTO Litros	VINHO BR. Litros
Pórt.	330640	42084
Lisboa	43106	5119
Diversas localidades	36784	800
Entrepósto	118924	9925
Exportação	389704	4833
N.º total dos litros	919159	62761

Roga-se e agradece-se a publicação desta nota.

O Presidente da Comissão Executiva,

a) Manuel de Espregueira e Oliveira

O Chefe da Estatística e Mov.º de Vinhos

a) Francisco José de Magalhães.

Assinar o "Noticias de Guimarães", é dever dos vimaranenses.

Pela Câmara

A Comissão Administrativa resolveu pôr em hasta pública 162 m² de terreno compreendido entre a viela da Pupa e o logar de Rôma, a 10\$00 por metro quadrado, mandando publicar os respectivos editais; por arrematação pública, 140 metros quadrados de terreno desnecessário ao município, ao sul da Estrada Municipal n.º 8 entre os perfis n.º 47 e 51, no lugar de Santa Luzia, freguesia de Santa Maria de Airão, deste concelho, sendo a base de licitação de Esc. 200\$00, mandando publicar os respectivos editais; autorizar o pagamento de 36\$80 de resto da derrama para a construção do cemitério da freguesia de Nespereira, fazer a instalação electrica subterrânea na Rua Nun'Alvares e completar a da Avenida 31 de Janeiro, mandando pôr estas obras em arrematação pública.

Sessão de 6 de Dezembro — A C. A. em sua sessão de 6 de Dezembro resolveu adquirir um automóvel ligeiro para serviço do município e aceitar desde já propostas para a compra do mesmo; autorizar o snr. vereador das obras a contratar as reparações a fazer na escola de Santo Estêvão de Briteiros, até à quantia de 550\$00; autorisar o mesmo vereador a contratar a continuação de um biombo para a Tesouraria de Finanças.

A C. A. tomou conhecimento de ter sido processada a favor da Câmara a comparticipação de 28.728\$55 para a obra de asfaltamento da Rua Dr. Abílio Torres, de Vizela.

Palácio da Restauração — A Câmara resolveu ainda, convocar as forças vivas da Cidade para se nomear uma comissão destinada a tratar da subscrição para a compra do Palácio da Restauração.

Expropriação — Na sessão de 28 de Novembro tinha deliberado expropriar amigavelmente 99 metros quadrados de terreno, em forma triangular, para regularização da rua n.º 8, junto do lugar da Seara.

RESINAGEM DE PINHEIROS

Aviso aos Srs. proprietários do Concelho de Guimarães

A Companhia Industrial Resineira, com sede no Porto, proprietária de importantes fábricas do Norte e Sul do País, pretende alugar, desde já, pinhais para a extracção de resina (gêma) pelo método francês, para o que dispõe de pessoal competente, nas freguesias do concelho de Guimarães. Aceita pessoas de probidade e activas para trabalhar à comissão nas respectivas áreas.

O Encarregado Regional — António Teixeira da Mota Júnior, Fafe.

Pasteis Folhados

Especialidade da
PENSÃO COMERCIAL
Tourel
Frescos todos os Domingos.

sempre em face de documentos — dizendo que elle era, nesse ano, tutor da marquesa de Angeja, D. Maria do Carmo, visto o mesmo assim o declarar no documento que passamos a transcrever:

Diz o Dom Prior de Guimarães, na qualidade de tutor da Ex.ª Marquesa de Angeja, D. Maria do Carmo, que tendo sido incumbido o capitão João Vitvino de Vilhena, para fiscalizar e regular o governo interno dos palácios da Junqueira e do Lumiar, apresentame a conta inclusa com os documentos que a instruem na importância de 19\$830 reis e proveniente das despesas que fizera desde o dia 16 deste mês até ao último do mesmo e como me persuado de ser exacta a dita conta, imploro de V. Ex.ª haja por bem mandar entregar a dita quantia ao dito capitão, expedindo-se para esse fim o respectivo mandado sobre o tesouro da administração. P. a V. S.ª assim lhe defira ou mandar o que for servido. E. R. M.ª D. Prior de Guimarães.

Eis o que conseguimos saber sobre o assunto.

(Continua.)

P.º ALBERTO GONÇALVES.